



50 réis

Coimbra, 12 de fevereiro de 1910

A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero { Portugal — 50 reis
avulso { Brazil — 400 reis (moeda fraca)

ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias 600 reis
Brazil (moeda fraca) 3\$800 »
Estrangeiro 5 francos

ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina	3\$000 reis	25\$000
1/2 "	1\$800 " "	15\$000
1/4 "	1\$000 " "	10\$000
1/5 "	800 " "	8\$000
1/8 "	600 " "	5\$000
1/10 "	450 " "	4\$000
1/16 "	350 " "	3\$000

Tiragem 3:000 exemplares

Toda a correspondencia relativa à parte litteraria, e em geral à redacção d'*A Farça*, deve ser dirigida ao Director litterario, R. de Sub-Ripas, 26 — Coimbra.

A correspondencia relativa à parte artistica deve ser dirigida ao Director artistico, R. Alexandre Herculano, 7.

A administração desta Revista pertence de hoje em diante à *Livraria Editora F. França & Armenio Amado*. Para lá deve ser dirigida toda a correspondencia que lhe diga respeito, e para lá tambem poderão os nossos assignantes reclamar contra a falta de remessa de algum dos primeiros numeros, ou outra qualquer irregularidade.

São nossos obsequiosos correspondentes no Brazil:

NO RIO DE JANEIRO :

o sr. Carlos de Azambuja, rua do Hospicio, 13.

NO PARÁ :

o sr. Augusto Marques Coelho, Travessa da Industria 4.

EM S. PAULO :

o sr. Dr. Antonio Augusto, illustre professor.

CONCURSO DE CARTAZES ARTISTICOS

Num dos proximos numeros abriremos um concurso de cartazes artisticos para diversas casas commerciaes e a que concorrerão artistas nacionaes e estrangeiros.

Iniciará esta serie de concursos uma casa de Lisboa, muito conhecida pelas grandes transacções que effectua e pela sua ousada iniciativa.

Nos proximos numeros:

Chronicas de João Chagas e Albino Forjaz de Sampaio.
Artigos de:

Annibal Soares, Alfredo Mesquita, Camara Lima, Antonio de Monforte, Alberto Monsaraz, João Correia de Oliveira, Luiz da Camara Reys, Hyppolito Raposo, Eduardo de Carvalho, M. Cardoso Martha, Carneiro de Moura, J. Lobo d'Avila Lima, Canavarro Valladares, Mario Beirão, Alfredo Guimarães, Alfonso Duarte, Augusto Casimiro, Bamada Curto, Augusto Pinto, Feliciano Santos, João de Lebre e Lima, João Figueiredo, Sousa Costa, Ladislau Patricio, Candido Guerreiro, etc.

Desenhos de:

Manuel Gustavo, Virgilio Ferreira, José Campas, João de Brito, Christiano Cruz, José de Meyra, Emilio Martins, João Valerio, Mario Pacheco, Manuel Monterroso, Cerveira Pinto, Correia Dias, etc.

Photographia Conimbricense

— José Maria dos Santos —

COIMBRA — Avenida Navarro, 2

Retratos em todos os formatos até tamanho natural, pelos processos mais modernos. Vistas de Coimbra, Bussaco e Batalha. Encarrega se de todos os trabalhos fora do atelier.

MERCEARIA LUZITANA

— Gaitto & Cannas

1, RUA DO CEGO, 7 — COIMBRA

Especialidade em

CHÁ, CAFÈ E VINHOS FINOS

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola
e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construcção

Agencia de Seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8

A FARÇA

COIMBRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1910

Director artistico — *Luiz Filipe*

Direcção litteraria de *Veiga Simões*

Proprietario, **Thomaz d'Alvim**

Administradores, *F. França & Atmenio Amado*
Livreiros-editores

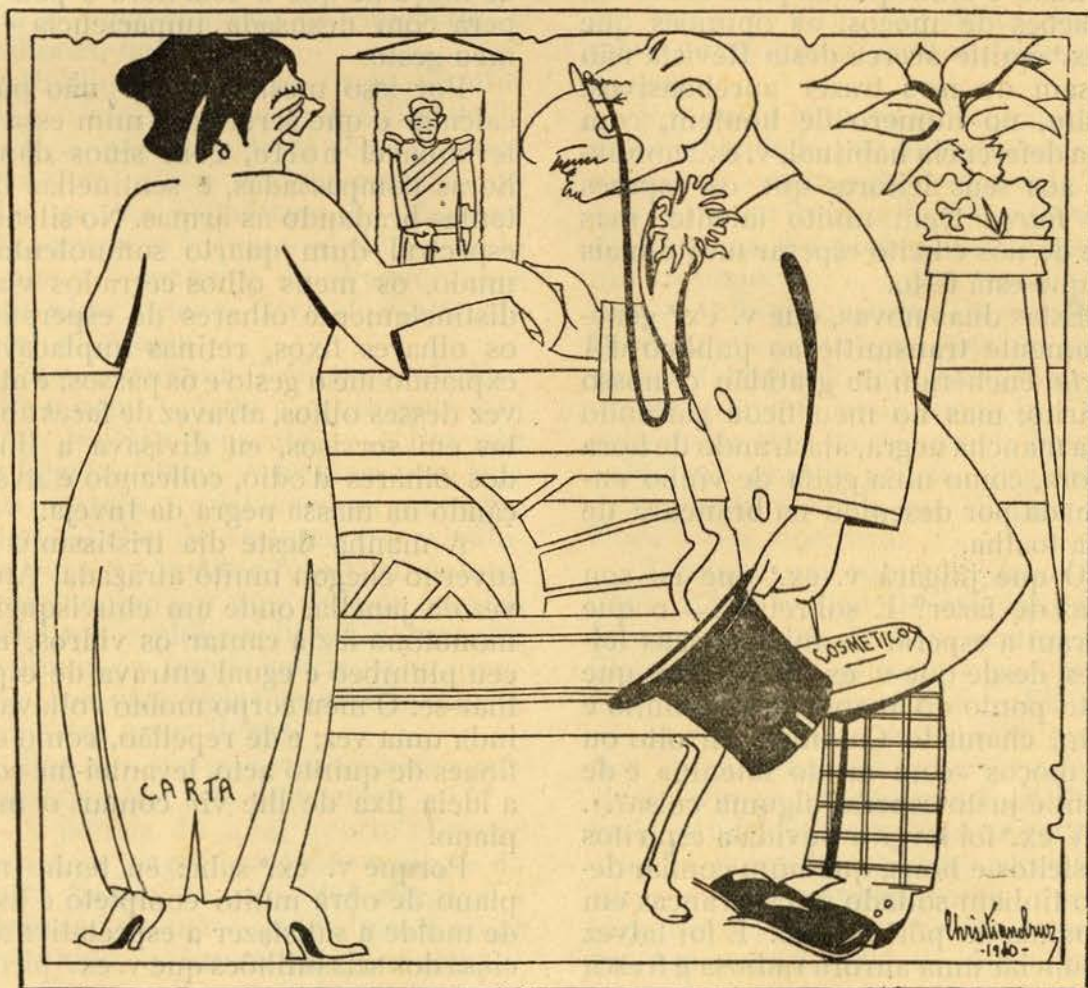
Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26

Administração — ARCO D'ALMEDINA,

Composição e impressão,

TYPOGRAPHIA LOUZANENSE — LOUZÃ

ELIXIR DE LONGA VIDA



Senhora Minha :— ha-de V. Ex.^a experimentar os meus cosméticos

Chronica

Carta ao Sr. Brito Camacho,
illustre director d'A Lucta

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.:

A *Farça* vai-lhe devendo dia a dia amabilidades sem conto. E se a nossa gratidão é tanta quanta pode caber em corações de moços, as opiniões que v. ex.^a emite ácerca desta Revista não cessam de nos trazer aprehensivos. Assim, no numero de hontem, com uma deferencia habitual, v. ex.^a annuncia aos seus leitores que os rapazes d'A *Farça* têm muito talento, mas que de nós é licito esperar muito mais do que está feito.

Estas duas novas, que v. ex.^a generosamente transmitta ao publico d'A *Lucta*, enchêram de gratidão o nosso espirito; mas no meu ficou pairando uma mancha negra, alastrando de hora a hora, como uma gotta de vinho entornada por descuido na brancura de uma toalha.

O que julgará v. ex.^a que eu sou capaz de fazer? E sobretudo — o que ficarám a esperar de mim os seus leitores, desde que v. ex.^a lhes revela que neste ponto do mappa, redondinho e preto, chamado Coimbra, ha oito ou dez moços «com muito talento» e de quem é justo esperar alguma coisa?..

V. ex.^a foi levar a duvida a espiritos satisfeitos e bons, que num confiar devoto tinham soltado as esperanças em demanda de pôrto certo. E foi talvez annunciar uma aurora radiosa e fresca

a tanto desesperado, perdido na encruzilhada do ideal. Em cinco palavras, suspendeu cinco milhões e meio (quasi reis) — cinco milhões e meio de habitantes; e eu tenho a impressão vaidosa de moço de que a esta hora o paiz espera com desusada impaciencia — o meu gesto.

Por isso mesmo v. ex.^a não póde calcular o que seria para mim essa interminavel noite, com sinos dando horas compassadas, e sentinellas distantes bradando ás armas. No silencio spectral dum quarto somnolento e mudo, os meus olhos cerrados viam distinctamente olhares de esperanza, os olhares fixos, retinas implacaveis expiando-me o gesto e os passos; e atravez desses olhos, atravez de faces abertas em sorrisos, eu divisava a linha dos olhares d'odio, colleando e avançando na massa negra da Inveja.

A manhã deste dia tristissimo de inverno chegou muito atrazada. Atravez da janella, onde um chuvisqueiro monotono fazia cantar os vidros, um ceu plumbeo e egual entrava de espalhar-se. O meu corpo moído voltava-se inda uma vez; e de repellão, como em finaes de quinto acto, levantei-me com a ideia fixa de lhe vir contar o meu plano.

Porque v. ex.^a sabe: eu tenho um plano de obra muito completo e todo de molde a satisfazer a expectativa anciosa dos seis milhões que v. ex.^a picou.

Não quero eu tomar-lhe tempo a desfiar meudamente como fui dando ao meu espirito uma educação original e propria, que me habituasse a construir obra propria e original.

Ao tocar o meu espirito com os maiores espiritos da Universidade eu verifiquei com espanto que não feria lume: desoladamente inconsolavel, conclui que seria um mau jurista. De resto a minha sina em pequeno m'o affirmára.

Deixei portanto em paz Justiniano e o Dr. Calisto; e um pouco á maneira de Gil Blas, dei-me a correr aventuras nos plainos da litteratura.

Por esse mesmo tempo, a publicidade entrava a seduzir-me. Eu sentia-me capaz de fazer coisa de geito, neste paiz em que os artistas arrastam o genio e o tedio entre um *bokc* no Martinho e uma chavena de chocolate, a deshoras, no Tavares.

Publiquei um livro. Creio que ninguém o leu,—e pouca gente fallou d'elle.

Pois esse livro devia ser o prologo grandioso duma grande epopeia cyclica que da plataforma do meu paiz eu consagrava á Humanidade. Lançado o plano á maneira de Wagner, esse livro viria a ser o *Ouro do Rheno* da minha Trilogia.

Mas isto duma Trilogia, — V. Ex.^a sabe-o bem —, toda a gente para ahi lança hoje os seus olhos. — Por isso eu logo construia nem mais nem menos que três, precedidas dum prologo e augmentadas de epilogo, reservando-me para em melhor futuro completar a minha obra por uma serie de estudos dictaticos e philosophicos, á maneira de Emerson, aonde revelasse ao mundo a complexidade das doutrinas geradoras dos meus livros.

Por este tempo comecei a escrever a minha obra com O grande.

A janella do meu quarto abria-se para a paysagem cantante e alegre da outra banda do rio. Mal chegava á varanda, de mãos nos bolsos, a olhar distrahido a irmandade dos chou-

pos, a linha clara da paysagem levava o meu olhar, inconscientemente, a esse Convento-Velho, perto do qual, na conclusão de varios eruditos, seria morta a «misera e mesquinha». Então o grave pensamento de que cada seculo da nossa litteratura consagrava aos amores de Ignez uma tragedia, entrou a seduzir-me; e correndo os olhos atraz da fiada de choupos, dia a dia eu construia novas scenas e ao meu espirito chegavam detalhes novos. Mas não era essa tragedia classica de Ferreira que eu sonhára para mim. Não: eu queria obra humana e universal. E então, chegado ao fim do ultimo acto, El-Rei Dom Pedro o Cru, num gesto nobre, rasgava a capa, retalhava a golpes de punhal o gibão de velludo, e atirava os despojos, sereno e firme, á multidão operaria que em baixo, no atrio do palacio, proclamava em rythmos ineditos a soberania do povo.

Por outro lado, as columnas hirtas da Universidade, por onde em cada dia eu coçava a capa e gastava a vida, puzeram-me na frente a figura magestosa do Marquez, em protagonista dum romance historico, — mas com um sentido mais largo que o que lhe attribuiu Scott ou que nos nossos dias lhe entrega o sr. Campos Junior. Não: eu queria demonstrar que mais longe ia a função dessa obra d'arte; e que, lançado nella, um grande artista chegaria ao caminho da verdade que Wagner—do Norte—nos mostrava.

Tambem um romance da actualidade, sobre a vida do estudante, me levou quasi mês e meio; aqui o conflicto dramatico attingia o paroxismo — como um dia contarei a V. Ex.^a.

Logo a seguir, um trabalho de critica vinha tomar-me todo; e eu analysei em vincos fundos a nossa litteratura, estudei o theatro contemporaneo, chamei bolos-de-sabão ás peças francezas e tive phrases bellas quando prognostiquei o levantar das litteraturas erguendo o nivel do meio. Então

ataquei os parlamentos, sorri no meu desdem aos dictadores; e recordo-me que por essa altura a Hungria encerrou as Camaras, reconhecendo a sua inanidade.

Depois . . .

Depois seria longo desfiar a V. Ex.^a nas columnas duma Revista o que pretendo fazer. Basta que erguendo os titulos, V. Ex.^a lance os olhos ao conjuncto e avalie da minha actividade.

Tenho um livro no prelo, com este nome: *Memorias dum homem-forte*; quatro romances que se chamam por sua ordem: *Tristes amores* (este é historico), *Gloriosa Jornada*, *Transfigurações ao Sol-Poente* (symbolista), e a final — *Manhã Bemdita*.

Para theatro escrevi uma peça com este titulo à Ibsen: *Sombras*. Conto escrever mais tres ou quatro; e para duas já encontrei optimos nomes de cartaz: *Os sete contra Thebas* e *Agamemnon*.

Os artigos que fôr publicando entretanto reuni-los-hei num volume de 450 a 500 paginas, a que porei este titulo: *Fumo*.

E como conto passar o verão em villegiatura, escreverei em cada anno impressões de viagem, a que darei os nomes dos paizes que correr. Deste modo conto em breve ter uma interessante e pittoresca geographia da Europa.

Tambem tentei uma opera lyrica. Mas nisso não falêmos, porque não deu o resultado desejavel.

Aqui tem V. Ex.^a a minha Obra de estudante.

Tenciono dar uma cupula grandiosa a esta Cathedral — em primeiro logar casando rico, para ver se a torno pratica; depois legando o rendimento da minha Obra a um estabelecimento de caridade (asylo ou hospital) para

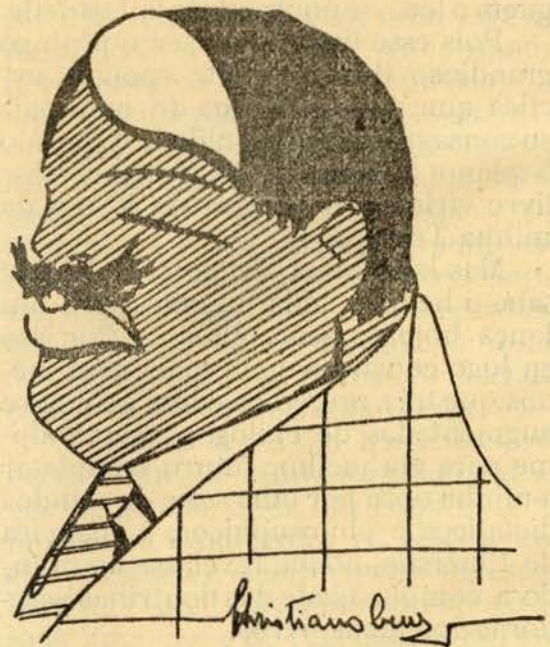
litteratos colhidos pobres na velhice. O exemplo de Camões deve sempre estar à vista daquelles que a fortuna beija e a gloria roça com sua aza d'oiro.

Depois de tudo, creio que V. Ex.^a ficará fazendo juizo completo a meu respeito. E fico esperando em que o sr. Carlos Amaro, no seu proximo artigo para *A Lucla*, me julgue ao menos satélite de algum brilho do astro brilhante que deve ser esse homem de genio português, a esta hora lá para as bandas da China, arrastando com indolencia uma cabaia amarella.

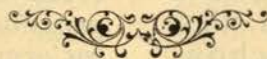
De V. Ex.^a

mt.º grato admirador,

VEIGA SIMÕES



João Chagas,
ou a Epistola ao serviço da Revolução



A ARTE PARA O POVO

Conferencia no «Instituto» a 15 de febreiro



Sermão da Montanha:

59. — Quando o Propheta começou a subir a collina, deixou atraz de si a turba dos barbaros, que se entretinha em banquetes luxuosos e sensuaes ;

40. — E tomando pelo caminho aberto entre os tumulos, ia considerando na vida que animava essas pedras e no vasio que vinha do ruido da turba.

41. — Então pensou: Aquelles homens, esquecidos de si, para se entregarem todos ao prazer da besta, perdê-

ram ao certo o sentido da vida ;

42. — Assim, enquanto agora a embriaguez os devora, amanhã, acordados do somno, sentirão o vacuo em torno de si e sobre elles cairá inexoravel o tedio.

43. — E ao tempo que ia pensando, acabou de subir a collina.

44. — Esperavam-no em cima Doutores e Philisteus que vinham receber no seu verbo a Boa Nova annunciada.

45. — E subindo á rocha que domina o monte e o valle, lhes revelou que a vida é

bella em si mesma e que todo o povo a poderá tornar bella ;

46. — Que enquanto em baixo os barbaros gastam a vida sem dar por isso, nossos olhares em vez de seguirem suas voltas ruidosas se ergam á abobada infinita ;

47. — Que em vez da carne nos agrilhoar a um rochedo eterno, eternamente, dentro de nós alimentemos uma aguia.

48. — E que a deixemos voar, liberta e anciosa, no azul sereno ;

49. — Então cada um verá a vida bella, cada um lhe achará o seu fim ;

50. — E conhecerá então seu sentido verdadeiro.

71. — Quando acabaram as suas palavras, entreolharam se Doutores e Philisteus.

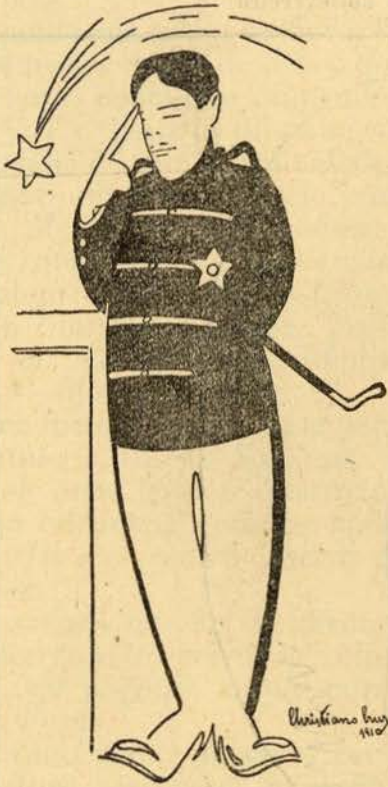
72. — E entendendo esse olhar, o Propheta não quiz esperar o desdem no sorriso dos Doutores ;

73. — De novo aconchegou o manto, e entrou na vereda que desce pela collina :

74. — E não desceu ao valle ;

75. — E foi por outras partes prégando a Boa-Nova.

O Comêta



Não sei porque este maldito comêta me faz lembrar D. Sebastião e Alcacer-Kibir . . .

Mal o fugidio astro sacudiu a cauda sobre o monte de Santa Clara, toda a gente suspirou, possessa dum receio negro de morte:

O comêta! O comêta!

E o astro nas alturas nem dava pelo clamor dos pobres mortaes que vivem á roda duma pinta opaca, talvez imperceptivel, á distancia dos infinitos milhões de kilometros em que elle vagabundeia.

Mas era preciso tranquilisar o publico e a *Farça*, sempre na pista dos grandes successos e sobretudo no desejo de elucidar com rigor os seus numerosos leitores, resolveu consultar a sciencia, ouvir a faculdade de Mathematica. (Vem a proposito dizer que nunca a *Farça* dera por semelhante faculdade, agora em fôco).

A vista dô cometa, radioso e ameaçador, com sorrisos de carrasco, fez lembrar o observatorio, os apparatus, toda a instrumentaria que serve para medir os passos daquelles celestes inimigos — tal como uma forte trovoadá faz accender as duas velas do oratorio de familia, esquecido durante mêses. . .

Segui então para o observatorio, lá ao fundo, prismatico e solemne.

— . . . se se pode entrar — perguntei a um archeiro.

— Acabou agora a aula de geodesia: aquelle barulho é a saída.

— Não pergunto isso: se me é permitido entrar no observatorio?

— O sr. dr. Rogerio lá está. Entre.

Numa sala nua, diante dum quadro preto, o sabio escrevia numeros, numeros. . .

— V. Ex.^a dá me licença? *Não ouviu.*

(Mais alto) Posso entrar, V. Ex.^a dá licença? *Nada.*

E o giz ia-se pulverisando na ardosia, febrilmente, os numeros, uns sobre outros, formavam arabescos e só quando os dedos, já desprovidos do calcareo, lhe iam apagando os signaes, o doutor se voltou e deu por mim.

Encarando-me duramente, atravez duns olhos grossos, perguntou surprehendido:

— Que deseja o senhor daqui?

— Eu. . . eu não sou alumno da faculdade. . .

— Ah! então?

— Vinha por causa do cometa, em nome da *Farça*, a melhor revista illustrada cá da cidade.

V. Ex.^a conhece. . .

(S. ex.^a acenou que sim).

— Ah! o cometa!

— V. Ex.^a estava certamente fazendo calculos; tantos numeros. . . Peço desculpa de vir interrompê-lo, mas está tudo suspenso da sua sentença, aí pela cidade e pelo paiz até.

— Serio?

— V. Ex.^a não imagina! Na cidade ninguem dorme hoje sem conhecer os seus calculos, esses calculos. São do cometa, não é verdade?

— Sim: estava precisamente decompondo em factores primos o numero de kilometros da orbita.

— Mas para quê? . . .

— Isto tem muito interesse, não faz ideia. . . cá para a gente!

— Basta V. Ex.^a dizê-lo, ora essa!

«Mas o que eu vinha saber eram dados positivos, e peço desculpa de interromper—insisti eu, encostando-me a um caixotão com a nota «fragil» que se pôs a oscillar.

— Cautela! — preveniu o sabio.

— Perdão, não tinha imaginado. . .

— Aí dentro está a luneta!

— Ah! a luneta! do observatorio e inclinei-me respeitavelmente para o caixote.

— Trouxeram na ha annos, ainda não houve tempo de a montar. Requerem muito tempo aquellas engrenagens, sabe?

— Faço ideia. . . Mas como fazem então as observações?

— Geralmente por analogia. E é o mais seguro. As distancias estão medidas; quando appa-

rece alguma coisa de novo, *lá-de-fóra* avisam logo. Daqui raro importunamos o ceu com nossos olhares indiscretos.

— E talvez por isso os astros nos são tão propícios e o ceu tão docemente luminoso—acudi eu num assomo lyrico.

— O senhor ainda crê na astrologia? — perguntou o mestre a sorrir friamente.

— Quasi tanto como na astronomia...

— Não diga isso!

— Os astrologos acertam algumas vezes, os astrónomos erram outras: ainda agora se esperava um cometa e appareceu outro!

— Como?

— Pois aquelle cometa que além appareceu hontem não era o de Halley!

— Não era?

— Não, senhor! Dizem-no os jornaes.

— E' que eu não li ainda os jornaes desta manhã.

— Mas ha perigo? — teimei.

— Quem fala nisso?

— Então a atmosphaera não nos chega a envolver e a queimar-nos?

— E que chegasse! que valia pensar em tal?

O meio era provocar um desvio na trajectoria da terra ou emigrar para outro planeta. Convem-lhe?

— Puro Julio Verne, V. Ex.^a! Lá isso não: na terra nasci, nella quero morrer.

E a proposito: consta que muita gente trata de procurar meios originaes de suicidio; fala-se em amantes a beijarem-se até morrer, com as boccas bem juntas, em projectos sinistros de incendiar a Universidade:...

— Que não façam tal! Tudo isso são em mathematica quantidades negativas.

— Mas que ha de positivo, que poderei eu dizer aos leitores da *Farça*?

— Socegue-os: o que não se pode remediar remediado está e todos iremos *quando a morte vier*.

— V. Ex.^a illude com gracejos o fim da minha entrevista. Peço-lhe que me fale verdade, francamente! Nós morremos? Do cometa? V. Ex.^a podia dar numa conferencia, em nome da faculdade, os resultados das suas observações?

— Para quê? Tivesse eu a certeza de que todos morriamos, não teria a crueldade de avisar ninguém. Para morrer todos os momentos são bons. Ora, adeus!

Despediu-se. E deante daquelle homem sphyngico, resignei-me esperar o perigo philosophicamente.

O cometa! o cometa!

janeiro 1910

ANTHERO DA VEIGA

Verbo incarnado da canção popular



Toda a indole da Raça
No seu canto perpassa:

Dá-lhe o Povo o motivo dos seus côros
E a sua Lyra altiva
Dessa alma popular ardente e viva
Dá-me os brádos sonóros.

Dá-me côr e os matizes
Da limpida paisagem portuguesa:
E a maior belleza
De todos os Paizes!

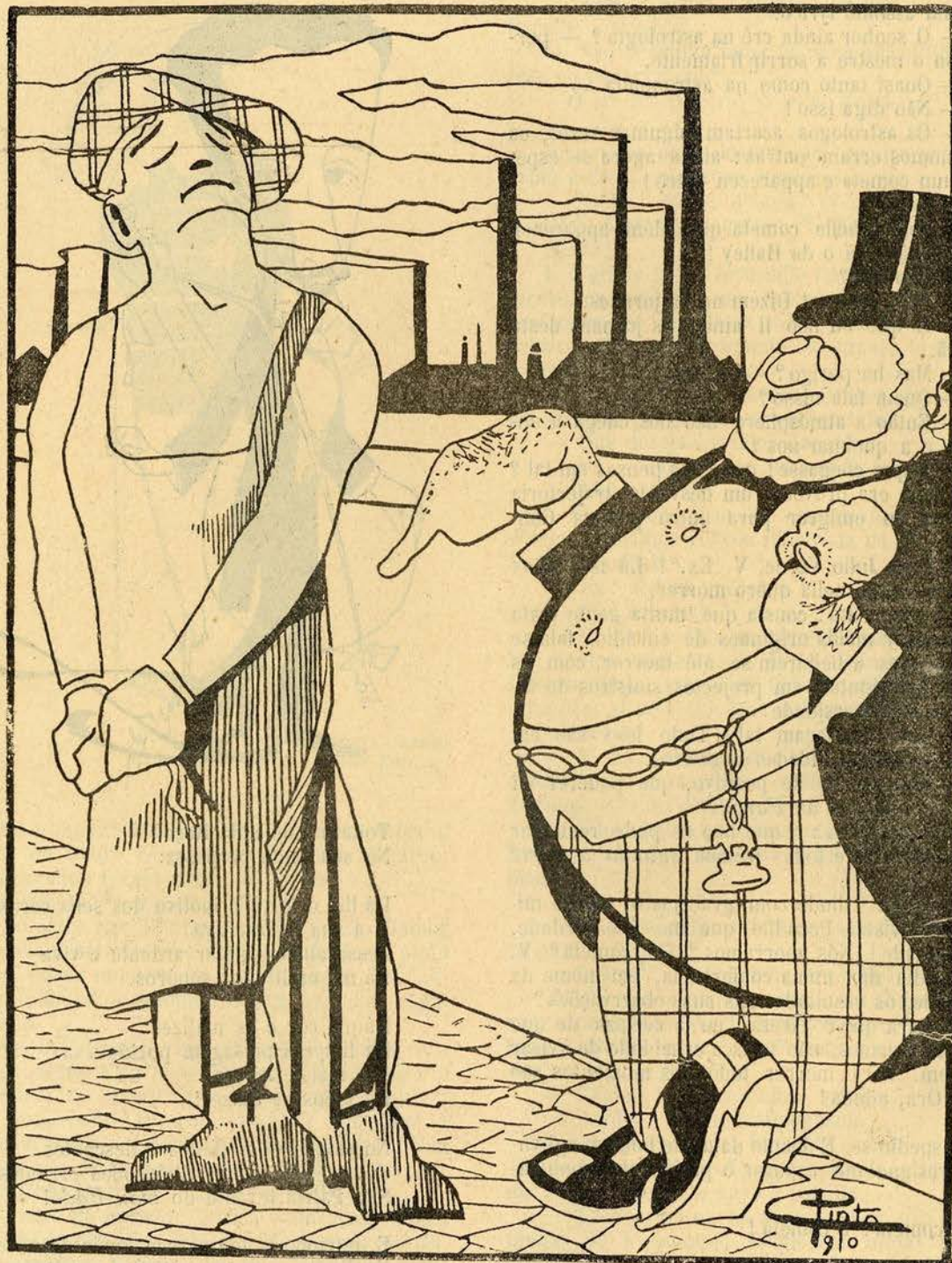
No estudo dos effeitos e descantes
Como esses velhos Rhápsodos errantes,
Sua Patria levanta do *mau Fádo*!

E, ouvindo-o, me parece ouvir de novo
Na Fé de erguer-se altivo e revoltado
O grande sentimento deste Povo.

HIPPOLYTO RAPOSO

AFFONSO DUARTE

A lucta eleitoral inglêsa



- O nosso oiro tem muito pêso!
- A nossa vontade tem muita força!

Hamlet



Ser ou não ser: eis a questão



— . . . (lendo) . . . Na corbeille da noiva
viam-se prendas de subido valor: um estojo
a coiro da Russia e prata com espelho e
pente para o bigode . . .

AS OPINIÕES DO MEU VISINHO

Eu móro n'uma hospedaria. E' inutil explicar as razões do facto Certo é porem, que, ha já uns annos. vivo modestamente no segundo andar d'um predio d'azulejo, n'uma rua escondida da cidade, onde não passam trens, não se houve o tilintar agudo das campainhas dos electricos, e só a espaços, nas tardes somnolentas e calmas, quando gatos sonham ao sol estendidos nos passeios, o som dolente d'uma gaita d'amolador ou o pregão nostalgico e longiquo do homem dos *abat-jours* põe uma palpação de vida na paz amorrada do bairro.

Gostó d'aquella serenidade. O meu quarto tem uma janella larga d'onde se vê o rio. A casaria branca da Graça e do Monte, estende-se docemente em amphitheatro a meus pés, até se confundir mais longe, com a massa pesada dos baracões da alfandega.

De baixo vem o ruido indistincto e vago do movimento e da vida das ruas; e é grato a meus filhos e á minha alma, nos dias de muito sol e muita côr, sentar-me n'uma grande cadeira de verga, em frente da janella aberta, olhando adormecidamente a tremulina azul do calôr nos montes da Outra-Banda, o vôo lento e branco das gaiotas, as velas de faluas que passam devagar

n'uma esteira luminosa de espuma e o penacho de fumo do vapor de Cacilhas.

E, se nesse momento, oiço as quatro notas doces do *amolla-facas* ou a nostalgica voz do pregoeiro, então cerro os olhos de todo e continuo a ver o ceu azul, o rio azul, as gaiotas brancas e as velas brancas das faluas, paradas e frescas.

Até que, já farto das côres constitucionaes, acôrdo quasi sempre á hora do jantar e lá vou para a mesa palestrar com os meus companheiros de casa.

São sete cavalheiros muito agradaveis que estão sempre de accordo até em serem todos sete nutridos.

Todos os dias, á hora do jantar, inquirem carinhosamente das saudes respectivas, sentam-se com um sorriso satisfeito, desdobram os guardanapos brancos lentamente, mechem a sopa com a ponta da colher para esfriar e comem na em silencio. Depois conversam com methodo e com sobriedade.

Não tem politica e leem todos o *Diario de Noticias*.

Ora eu estou á direita d'um baixinho, gordinho e sorridente como os outros seis. De principio, nos primeiros tempos do meu ingresso no convivio de tão honestas pessoas, eu distingui o meu visinho dos restantes companheiros de mesa.

Era gordo como os outros, amavel como os outros, mas tinha um *não sei quê* de diferente na expressão fina dos seus olhinhos pretos e brilhantes e sobretudo interessava se pouco com os assumptos que despertavam a attenção commum. Tentei entabolar uma conversa que me permitisse sondá-lo, mas encontrei pela minha frente a impenetrabilidade dos sorrisos e das boas maneiras e, a pouco e pouco, fui esquecendo o meu interesse particular por elle.

Até que, ha poucos dias, eu tive occasião de, por um d'estes casos imprevidos, travar mais intimo conhecimento com esse extraordinario homem que come sopa a meu lado ha perto de dois annos.

Eu tinha lido nos jornaes a historia d'uma princeza que fugira ao marido, tinha filhas já mulheres e por isso não tinha direito nenhum de fazer coisas d'essas.

E, como se dê o caso de eu ser muito demagogico, não gostar de princezas que fogem com esses cavalheiros que eu não conheço, succedeu que, n'esse dia, á sobrezeza, zanguiei-me immenso e aproveitei a occasião para dizer mal das meninas ricas. Fiz um grande discurso.

Fallei da educação mal orientada das mulheres da cidade, do meio artificial em que vivem, da falta absoluta das mais elementares noções do que eu chamava indignado «uma verdadeira e sã moral». Fui muito inconveniente e chamei ás senhoras *manequins walsistas*.

E, como os meus ouvintes eram todos provincianos eu passei a louvar a provincia. Disse a

simplicidade dos costumes, a pureza d'alma dos meios rudes, a ingenuidade, a bondade sincera da mulher que vive retirada dos grandes centros e que, concluía eu com convicção: «é a unica capaz de fazer a felicidade, d'um homem que a escolha para companheira da sua vida». Fui muito apoiado e um dos meus amigos natural da Beira Baixa declarou commovido que eu lhe tinha tocado o coração.

E, foi então, quando eu gozava o meu triumpho e a certeza grata da minha eloquencia, que o meu visinho da esquerda se me debruçou sobre o hombro e me segredou:

— O cavalheiro não pensa o que diz. Deixe-os sabir que eu lhe ponho essa psychologia a direito.

Entupi. Aquelle homem era um psychologo!

Esperei ancioso que todos saíssem e quando me achei sozinho, em frente d'elle, apurei os ouvidos, para melhor entender as coisas reveladoras que do seu labio esperava.

Elle então começou:

— O meu amigo é muito novo e eu tenho reparado que, ainda por cima, gosta de versos, e, o que é peor, fá-los e, o que é ainda muito peor, publica-os porque eu já li.

Confesso que fiquei chocado. Elle continuou imperturbavel:

— D'ahí, o eu não me admirar do seu enthusiasmo pela provincia. Mas, como sympathiso consigo quero dizer-lhe algumas verdades. O senhor não conhece a provincia. O que o senhor vê na vida do campo é só o lado lyrico. O senhor, por exemplo, não comprehende uma paisagem á tarde, sem o toque das Ave Marias nos sinos das aldeias e o regresso ao lar do cavador cansado.

E o meu interlocutor sorria. Eu sorri tambem, e elle, notando-o, disse logo

— E' assim mesmo que o senhor diz nos versos, que eu sei. A rustica simplicidade, a fê, a pureza de coração e mais o aldeão ingenuo de mãos callosas e alma boa e mais isto e mais aquillo... Ora, diga-me cá: o senhor pensa em ser advogado, não?

— E' factó, respondi eu.

— Pois então permitta Deus que o senhor um dia, numa questão qualquer, não tenha que se defrontar com um desses cavalheiros e mais com a sua simplicidade. E' d'arrazar, meu caro amigo! A facundia e a velhacaria celebre de Ulysses, o fabuloso velhaco, ficam a perder de vista diante d'aquelle sujeito sorna, que torce o barrete, que não olha direito, que repisa as palavras mil vezes e que o trata por *Sua-Excelencia*. Isto no que diz respeito á simplicidade. Agora o desinteresse. Esse figurão que o senhor allí vê é ladrão *como milho*, é ratinhador e é d'um egoismo feroz... Por uma questão de partilhas, o nosso amigo insulta a mãe, diffama as irmãs e era capaz de pôr as tripas ao sol ao proprio Christo se elle apparecesse a contestar-lhe a herança. Numa aldeia do Ribatejo, já eu vi, um irmão matar outro, á

bordoáda, por causa duma questão que tivera a sua origem n'uma melancia. No que diz respeito ás mulheres, bem melhor do que eu o poderão informar os padres das aldeias e o innumeravel rebanho de filhos que assistem ao casamento dos paes, quando não é só ao das mães.

Eu estava furioso. Não me contive, gritei:

— Mas a culpa d'isso não é d'elles! E' a ignorancia, o estado de barbarie em que se encontram, mereê...

O meu visinho atalhou:

— Perdão, perdão! As coisas são o que são. Se fossem diferentes não eram assim. E' da Sabedoria das Nações e já assim m'o ensinou um professor d'introdução que eu tive.

Fez uma pausa e proseguiu:

— E agora subamos na escala. Vamos á gente fina. A favor d'esses já não pode adduzir os argumentos que eu vejo estremecerem a sua bocca de rapaz entusiasta. Essa gente é *pseudo-civilizada*, essa gente tem dinheiro, tem mesmo quasi sempre muito dinheiro e podia ser decente se quizesse.

As senhoras vestem á moda, penteiam-se á moda, lêem jornaes e romances, têm enxaqueca e são hystericas. Quando se encontram no passeio em tardes de musica beijam-se em ambas as faces como as elegantes da cidade. Duvida? Percorra a provincia, vá aos clubs das terras sertenejas em dias de *salsifré* e verá. O typo da provinciana de romance, da morgadinha de conto ha muito que passou á historia. A provincia macaqueia tudo e exagera tudo, ainda por cima. A mulher da provincia tem hoje todos os defeitos da mulher da cidade, sem nenhuma das suas qualidades: nem a graça, nem o requinte, nem a gentileza. A donzella da villa, se não é estúpida, quando o meu amigo lhe dirige a palavra falla-lhe ridiculamente em Camillo, em Julio Diniz e muitas vezes vae mais longe e diz coisas horrosas sobre Lamartine! Ah! meu amigo: *Le monde marche*...

Eu estoirava d'espanto. Que homem que era o meu visinho!

— E o que lhe succede a si? continuou elle ás grandes passadas pela casa. Como está de boa fê, o meu amigo põe se logo a sonhar delicias e a idialisar uma creatura adoravel n'aquella provinciana cheia d'escota e mais pratica que o senhor. Ella tambem sabe ser modesta e timida. Representa bem porque desde muito pequena apendeu a fingir, a enganar, com tanta maior perfeição quanto o meio é mais restricto e os actores se conhecem uns aos outros. Conhece a vida lindamente, creia. A ingenuidade perdeu a cedo na athmosphera d'intriga da terra pequena. Tem ouvido todos dizerem mal uns dos outros pelas costas a abraçarem-se volvidos instantes. D'ahi veiu lhe a noção de que a vida era uma comedia que era preciso representar constantemente e onde a fortuna é de quem for melhor actor.

E' com esta noção que se prepara para arran-

jar marido! Antes de chegar á idade propria, para se distrahir da monotonia da existencia, começa a comedia do amor. Namora. O namoro é a sua distracção, o seu theatro, o seu baile. Os paes empurram porque receiam vê-las ficar solteiras. Namoram tudo! velhos, novos, amanuenses e segundos-sargentos. Em pouco tempo está desqualificada e não ha um homem serio que a queira para mulher. Em compensação, aos dezoito annos, ahí tem o meu amigo uma madame de Sévigné com erros d'orthographia, uma Soror Marianna sem os inconvenientes do habito e da grade conventual. E como não acreditar numa ingenuidade que escreve coração com s! Ah! idealistas, cautella com a provinciana!

O meu visinho desconcertava-me; eu quiz arsal-o e disse-lhe ironico:

— O meu visinho, na sua mocidade, teve naturalmente, alguma desilusão na provincia?

O homem recuou varado. Fez-se pallido, poz os olhos no chão e tornou, depois duma grande pausa:

— Tive. Tinha eu vinte annos. Ella dezoito. Foi em Freixo-de-Espada-á-Cinta! Eu andava a estudar latim em Lisboa e via a até nas folhas do Dictionario. Ia lá todos os mezes e nas ferias. Fui lá dois annos a seguir. Da ultima vez não a encontrei no sitio do costume. Vi um trem á porta da casa da familia. Perguntei quem era. Disseram-me que era... a parteira. Casaram-n'a. Vive feliz. Eu deixei o latim e fizme amanuense. Ganho hoje oito tostões por dia.

Pegou no chapéu e na bengala e saiu sem me dizer mais nada.

* * *

Decididamente mudo de casa. O meu visinho escangalhou-me os nervos.

1904.

RAMADA CURTO

PHILOSOPHIAS

Fabricas, silvos, vapor, fumo — carvão! E' impossivel que a felicidade da especie dependa de tais atentados contra a serenidade das coisas. Que inhospita é uma fabrica com as suas dependencias!

A vegetação morre, as arvores enegrecem. As fachadas longas, rigidas, monotonas tem uma catadura implacavel. Adivinha-se instinctivamente que anda lá dentro a activar aquillo tudo um homensinho pançudo, de testa rispida, de duplo cachaço, de opaco olhar.

Uma fabrica é muito mais antipathica do que um convento. Ambos são monstruosidades de architectura que denunciam monstruosidades sociaes.

Mas o convento é silencioso e a fabrica estridente. Ambos são egoistas, mas o convento é a renuncia e a fabrica a exploração do mundo.

O convento é um monstro, mas um monstro inoffensivo; bom até. E' como um mastodonte com alma de andorinha.

Ambos são desequilibrios, mas o convento pensa, a fabrica digere. Cada um representa a sua epocha:—o convento é o cerebro, a fabrica o estomago. O convento é um cerebro paralytico. a fabrica um estomago desenfreado.

O convento óra, murmura, sonha... Repelle os homens mas ama a natureza. Abridados dos seus muros tornam-se seculares os cedros augustos. No repouso das suas cêrcas, no fundo das alamedas de mirto, os loureiros curvam-se amorosamente sobre as escondidas fontes balbuciantes...

E a fabrica, com o seu habito negro, mirra em volta toda a verdura como um truculento dragão mythologico.

O convento deixa crescer em torno os ramos veneraveis porque ama as sombras meditativas; mas a fabrica com suas mãos de ferro vai trituroando as florestas porque precisa de fogo.

Monumentos harmoniosos, equilibrados só os podem levantar as civilizações equilibradas. Esses são filhos da alliança serena e consciente do homem com a terra; exemplo: o *Parthenon*.

Para aquem delle estão todas as aberrações architectonicas desde os templos egypcios, taciturnos como elephantes, até ao Escurial, enigmatico como uma prisão, até ao convento de Mafra, petreo e pomposo como o orgulho de um pharaó.

Mas depois das columnatas de Karnak, depois do Escurial, depois do convento de Mafra surgiu a fabrica.

Na historia dos monstros architectonicos a fabrica é a mais phantastica aberração, e se um dia se formar com os seculos uma mythologia da nossa civilização, como é de crer, as fabricas serão representadas de certo na tradição dos nossos distanfissimos descendentes como titanicos *Mino-tauros* furibundos.

Ha-de-se falar, lá para os seculos em que nós fômos o que hoje é Troia, ha-de-se falar nuns tremebundos colossos cuja bocca sempre escaneada devorava multidões. Ha-de se contar das suas furiosas cabelleiras negras, dos seus silvos apavorantes, ao rugido das suas insaciaveis entranhas de ferro.

Ha-de-se ouvir no fundo dos seculos o brado das reclamações operarias transmittido e transformado de geração em geração, ha-de se ouvir lá no fundo com o grito sanguinolento das victimas nos dentes dos colossos.

E as gentes de então lamentarão a nossa miseria e pensarão ainda atemorizados em como a terra era inhospita nestas edades; e os sabios deduzirão da corpulencia dos monstros a pujança

dos vegetaes e demonstrarão que nós viviamos no fundo das cavernas e nos sustentavamos de maçã vêrde.

E expostas nos museus das futuras cidades entre pedaços de mausoleus derrocados, as nossas carcassas sentir se-hão vexadas quando um *doctor* dizendo: aqui temos, meus senhores, um contemporaneo da *Fabricotodonte*. . . Seremos vilipendiados, e para realce das civilizações futuras os conferentes hão-de exhibir-nos no recesso das florestas balouçando de ramo em ramo a nossa dignidade de hyper-civilisados.

Effectivamente os sabios poderão dizer quanto quizerem: o esqueleto é traiçoeiro e falso. O cadaver é ainda enigmatico — impõe-se. Mas o esqueleto é ridiculo. O esqueleto patenteia-nos, desnuda-nos. Só nos devemos considerar verdadeiramente nús depois de despojados da carne. Com carne somos uma esphinge, um semi-deus. Sem carne somos uma armação desarticulada e anonyma que poderia ter voado ou rastejado. Somos um carcassa burlesca que toma todas as posições e todas as formas. Somos um arlequim macabro que rompe debaixo da carne como um farçante debaixo da mascara esboçando um sorriso de eterna ironia ao aprumo da nossa columna.

Carne e osso estão em contradicção. O osso é a desconsideração, o desmentido, o insulto da carne. A carne diz — sim, o osso diz — não. A carne ri, palpita, canta, chora; o osso dorme.

A carne é o polo do osso. Dêmos preferencia á primeira e pertenceremos a uma civilização, dêmo-la ao segundo e pertenceremos a outra. A civilização é uma autopsia. O homem amodorrou quando considerou o seu esqueleto.

A Grecia é a fabrica será no futuro com o seu rugido apocalypticico a cumplice mais perigosa do nosso esqueleto sempre selvagem e impassivel.



MANUEL EUGENIO

A Academia & o Centenario de Herculano

Ao sopro da fama



Vates de crinas ovantes,
Immortaes de pés cambados!
Hoje são centenariantes
Amanhã centenariados.



A PROSAPIA

É verdadeiramente o que se pode chamar — *a fructa do tempo*.

Não está sujeita à chronologia.

A seiva anima esta *planta* em qualquer das quatro estações do anno, e assim, floresce sempre, dá fructo sempre, e, como herva ruim, nem é estiolada pelas geadas do inverno, nem crestada pelas ardencias do sol de verão.

Por isso lhe chamamos *a fructa do tempo*, á falta de melhor symbolo.

A Prosapia anda alli a *flanar* na loja do F ...

Passou agora mesmo n'aquella praça ...

Está ali dentro do gremio ...

E na casa do ...

Todos os dias dá os seus passeios, á tarde, e vem depois *dar fundo* na pharmacia do largo da...

Vae aos bailes ...

Vae aos theatros ...

É fructo que até se deita e não está bem averiguado se resona.

Sabe-se que sonha; e sobretudo que ronca

Dá saltos como qualquer péla de borracha; cambalhotas como qualquer gafanhoto, e, sempre com a mesma disposição de alegria e jactancia (qualidades extranhas em fructas...) *ella* procura impor-se a si mesmo, o que afinal equivale dizer que procura impor-se aos outros.

Toda a gente é ministro!

Toda a gente é magistrado!

Toda a gente é medico!

Toda a gente é engenheiro!

Toda a gente é jornalista!

Toda a gente é um musico!

Toda a gente é um doutor!

A prosapia censura tudo; prevê o imprevisto; conhece o desconhecido; pondera o imponderavel; stigmatizando o que os outros fazem e não o faz melhor.

A Prosapia!

É peor este fructo do que a maçã de Adão.

N'esse ainda houve um não sei quê de bom.

Na Prosapia não ha nada que se aproveite.

Talvez a unica causa bôa que tenha produzido seja o dar-me ensejo á applicação d'esta *coça*.

Não seja, porém, isto bater em mim mesmo ...

Ah! Thackeray, Thackeray, tu é que nos comprehendes!

Tu é que nos sabes avaliar, porque sômos talvez um producto da tua imaginação — convertido na realidade da tua observação.

Mas ...

Que ao menos tenhamos tambem um pouco de bom, como a maçã do Paraizo, — que ao menos nos saibâmos conhecer, que saibâmos ao menos conhecer os outros!

E no intimo — já que o mal é epidemia — que nós tenhamos uma Prosapia, sim, mas com qualquer quê de bom ...

Thackeray .. Thackeray!

—O que vae lá pela outra vida ?! ...



ANTHERO DA VEIGA

Concerto Aussenac

Mlle. Marie-Antoinette Aussenac, a grande pianista que Lisboa acaba de admirar surprehendidamente, vem a Coimbra dar um concerto. E, escusado é dizê-lo, o concerto Aussenac vai constituir um altíssimo acontecimento artistico, como aqui foi já previsto.

O seu programma é uma linha structural perfeita e límpida, desde a curva larga e vasta de Bach, alargando-se e elevando-se á alma profunda de Beethoven, á graça e ao encanto dos francezes de hoje, ao impressionismo espirituoso de Debussy; e entre os dois, aquelle requintado e profundo producto da *génération ardente, pâle et nerveuse* de que falla Musset, — Chopin.

Vianna da Motta, referindo palavras de Busoni e d'Albert, julga-a o mais completo temperamento que tem conhecido, e Antonio Arroyo, falando dum dos seus ultimos concertos, declara que Mlle. Aussenac conseguiu elevar, numa «genial intuição ao character, ás épocas, á patria das mais diversas paginas musicas» e achar-lhe expressão.

E quando Vianna da Motta e Antonio Arroyo têm taes palavras para um artista, ha o direito de esperar delle — simplesmente tudo.

Pela gloria de Mimi-Aguglia

Alguem que não sabia traduzir a sua admiração pela genial artista, lembrou-se de recolher as impressões dos mais robustos talentos da nossa terra.

Assim nascêram essas syntheses luminosas... Ah! pode-se dizê-lo com orgulho: Se Portugal não produz artistas como Mimi Aguglia, tem excepçionaes talentos que a comprehendem, que a sentem fortemente.

Decididamente este abençoado torrão não pôde ser riscado do mappa das nações...

E não.

De Veiga Simões:

Mimi é extraordinaria! é a realidade hysterica! Mulher assombrosa, dominadora...

Eu já vi algures uma mulher assim...

Ah! já sei... foi no Capitolio ha dois mil annos...

De Alberto de Monsaraç:

Senhora Mimi... Senhora Mimi Aguglia... Vocelencia com certeza já praticou nos hospitaes...

De Antonio de Monforte:

O' minha senhora, com aquella sinceridade rude de alemtejano que me caracteriza, e com auctoridade porque tambem sinto dentro de mim a chama sagrada, digo-lhe que nunca vi melhor. Nem a Palmyra Bastos...

De H. Raposo:

Extraordinaria e genial mulher!

Bello motivo para uma chronica no *Diario*. Mas não sei, não sei o que hei-de dizer. Tanta

interjeição que se riem e não me comprehendem...

Nada, toca a trabalhar e hei-de produzir critica original. Ah! se Aguglia tem talento encontrou-me a mim que a comprehendí...

Positivamente tenho talento...

De Orlando Marçal:

Mirifica, lapidaria... talvez melhor que Herculano... Mas... desconhecendo Ibsen e imitando a Sarah... como de resto lhe fiz sentir... De resto Mimi, muito bem...

De Agnello Casimiro.

Ah! bem, bem... com algumas falhas correctiveis, é claro... Principia agora...

De Rocha Brito:

Mimi Aguglia é uma acrobata de sensações... (o proprio diz acrobata)

De José Luiz d'Almeida:

Que pena a mulher não ter setenta annos e ser portuguesa, para daqui a trinta celebrar o centenário...

Vejo-me na Academia:

Meus senhores: Artistas como Mimi Aguglia, levantam tanto esta desgraçada terra digna de melhores dias, como Vasco da Gama descobrindo o maritimo para a India...

De Aarão de Lacerda:

Ando estafado, extenuado... por ella faria tudo... deixaria a minha amada...

De Lebre e Lima:

Ah! Mimi Aguglia, dava-ma toda...

De um moço muito encantador, bem educado e prendado:

Nunca gostei tanto d'arte... Nada, nem mesmo nas festas memoraveis *chez mamam*...

De D. José d'Almeida:

Optima! Puxava-lhe ao carro...

De Luiz Braga:

Lucida e deliciosa ideia do meu glorioso titi... Mouras para dois!

Estou doido, fujo, vou atraz della. Mimi... Mimi Aguglia... Como dizia Diderot...

Da massa anonyma no final da Malia:

— Ouve lá: qual era a Aguglia?

— A Jana.

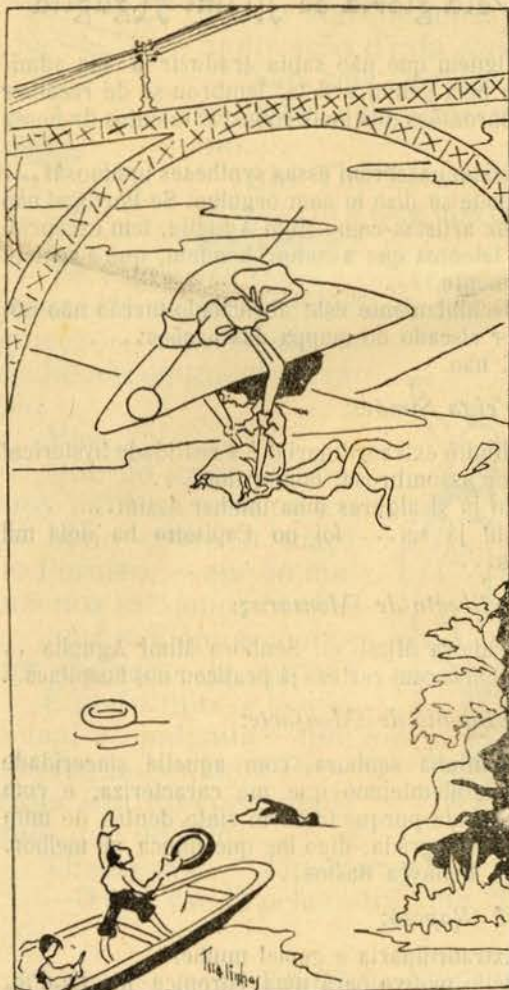
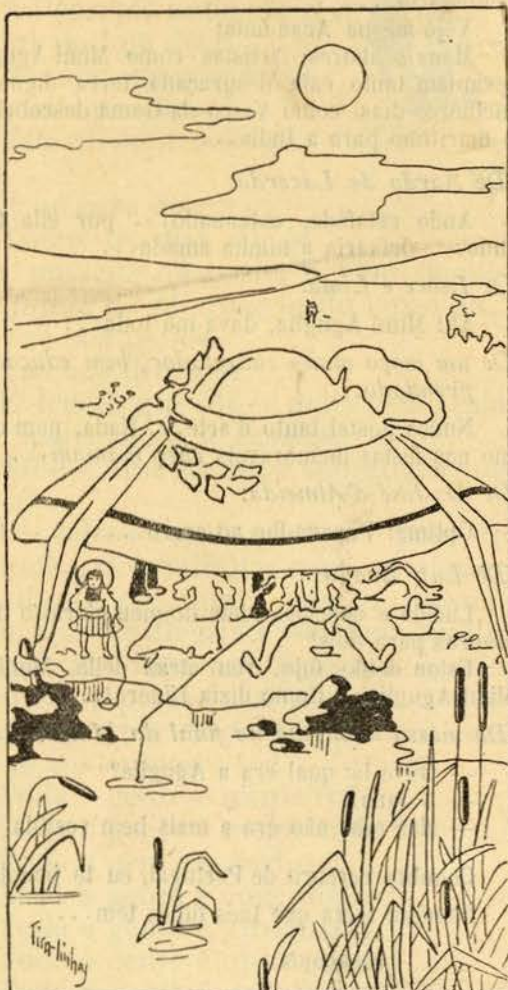
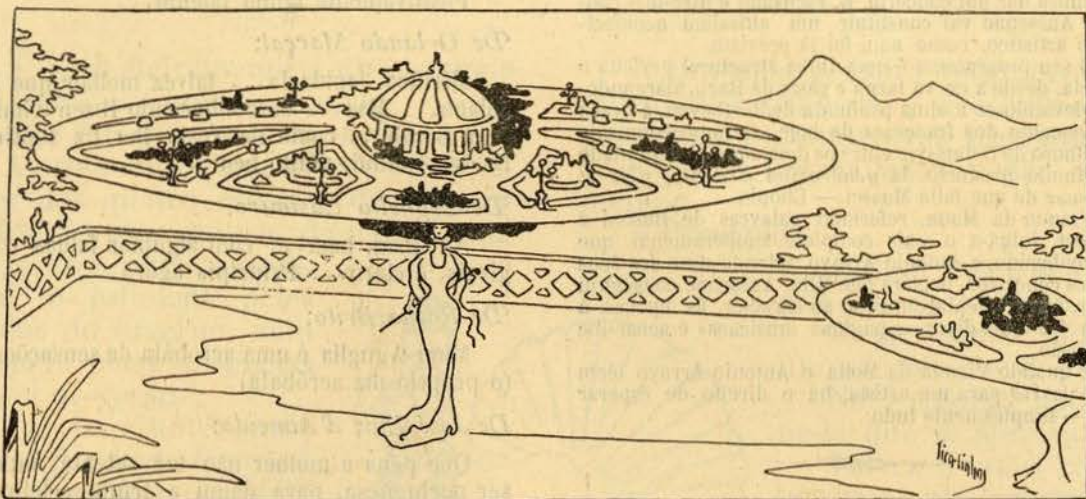
— Mas essa não era a mais bem vestida.

Coimbra cerebro de Portugal, eu te bemdigo! Bem dita terra que taes filhos tem...

Pela copia,

ANTONIO NOGUEIRA

Os chapéus da Moda



Jardins suspensos ; — Chapeu de família ; — Pára-quedas.

PAPELARIA BORGES

— Coimbra —

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES
ILLUSTRADOS

Apparelhos e mais material para photographia

Para os Ex.^{mos} Academicos faz preços
excepcionaes nos grupos de cursos e em
retratos que se encarrega de mandar re-
produzir na Allemanha.

N. B. — *Ha já grande numero de assi-
gnaturas para encommendas; e pode for-
necer amostras de algumas, executadas
com a maxima perfeição.*

Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces
de ovos, e de fructa de todas as qualida-
des, em seccos, crystalisados e em calda.

VARIADA PASTELARIA EM TODOS OS GENEROS

Pudings de diversas qualidades, Pão
de ló pelo systema de Margaride, Galan-
tines diversas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognacs, Champagnes e Licores finos
das principaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates,
Bombons, Drops, Queijos, Chás
e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da
QUINTA DE FONTELLO — Paços de Ferreira e os
deliciosos rebuçados de fructas especialidade da
Padaria **FARIA** do Porto.

150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23



Grandes Armazens do Chiado

E' o estabelecimento que
melhor e mais barato
vende em

Coimbra

Rua Ferreira Borges



A Elegancia de Coimbra

SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D, Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo o Paiz,
não recomenda o seu fabrico.

DROGARIA VILAÇA

COIMBRA

Completo sortido de drogas, productos chimicos
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios.

LOUIS FONTAINE

Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28 Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

Entrada pela Couraça da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

Ⓒ mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de modas, chapéus, confecções, lanifícios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos. Ateliers de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Um dia por mez

FAZENDAS DE GRAÇA!

Pedir instrucções nos

GRANDES ARMAZENS DE LISBOA

LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

25 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para colleccões. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Sousa Nazareth e F.º

20 — Rua Ferreira Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de case-miras para fatos e sobretudos, luvas collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

GRANDE CAFÉ CONCERTO

Antigo café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA